

Emprego mais seguro em Economia e Gestão

Uma licenciatura em Economia ou em Gestão, numa das faculdades ou institutos do País, garante emprego no prazo máximo de seis meses. O desemprego entre esses alunos é muito baixo

02-05-2008, Catarina Madeira

O grande interesse pelos cursos de Economia e Gestão entre os finalistas do ensino secundário tem, afinal, razão de ser: essas licenciaturas praticamente garantem trabalho aos universitários no espaço de seis meses, antes ou imediatamente depois da conclusão do curso.

No último ano lectivo, mais de dois terços dos alunos de Economia e Gestão da Universidade Católica, de Lisboa, receberam propostas de emprego antes mesmo de terminarem a licenciatura. E o último relatório de auto-avaliação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) ao curso de Gestão concluiu que 90% dos licenciados conseguiram obter o primeiro emprego no semestre a seguir ao final do curso. Alargando este período a um ano, esta instituição garante que a taxa de empregabilidade sobe para 100%. Já na licenciatura em Economia, “entram em média 180 estudantes e o número de pedidos de emprego tem sido superior à (nossa) capacidade de resposta” – assegura o Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais da FEUC.

Dinâmicas semelhantes verificam-se no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa (FCEE), Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa (FE-UNL), Faculdade de Economia da Universidade de Porto (FEP) e Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG).

Ter um diploma na mão, nos dias que correm, oferece poucas garantias de empregabilidade. Ainda assim, existem licenciaturas que registam um maior sucesso na colocação dos seus alunos. Nas áreas de Gestão e Economia, todas as universidades contactadas pelo “Semanário Económico” registam taxas de empregabilidade acima do 80%, nos 12 meses que se seguem à conclusão do curso. Mais: o tempo médio de colocação dos diplomados não ultrapassa os seis meses. Numa altura em que a taxa de desemprego em Portugal está nos 7,4% (valores de Março) e em que alguns empresários acusam as universidades de não formarem quadros adequados às necessidades das empresas, estes são exemplos positivos de resposta da academia ao tecido empresarial.

Sector terciário emprega mais. Os sectores da Banca e da Auditoria e Consultoria são os mais referidos pelas instituições de ensino como maiores empregadores de licenciados destas áreas. É o caso da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica - Lisboa. Do total de alunos inscritos nos dois cursos (Economia e Gestão), 70% encontram emprego ainda antes de terminar a formação universitária, sendo que 80% conseguem colocação em consultoras ou instituições financeiras. Um cenário que se justifica por ser mais fácil o recrutamento de quadros qualificados nos grandes grupos empresariais. Os sectores da Distribuição e Grande Consumo também surgem com destaque entre os maiores empregadores. Já a Indústria e as PME quase não são referidas pelas instituições contactadas.

Network empresas e universidade. Algumas faculdades proporcionam aos seus



alunos estágios ao longo dos vários anos lectivos. Esta prática permite introduzir-los gradualmente no mercado de trabalho, evitando a dificuldade acrescida de iniciar uma carreira sem qualquer tipo de experiência anterior. Esta foi uma estratégia seguida pela escola de Economia da Universidade Nova de Lisboa que, ainda no ano lectivo transacto, adaptou as suas licenciaturas ao modelo de ensino estabelecido pelo Acordo de Bolonha.

Algumas empresas contratam alunos, no final dos três primeiros anos de estudo, para a realização de estágios de Verão, mostrando-se depois disponíveis para os empregar em full-time, quando terminam os cinco anos de estudos equivalentes ao grau de mestrado. Aliás, o Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais da FE-UNL organiza mesmo estágios obrigatórios no segundo ciclo da licenciatura de Gestão.

Bolsas e feiras de emprego são acções mais utilizadas. É evidente o esforço das universidades para proporcionarem pontos de contacto entre os seus alunos e o tecido empresarial. Bolsas de emprego como a da Faculdade de Economia do Porto servem este propósito. No sítio www.fep.up.pt/bolsadeemprego os alunos podem colocar os seus currículos para que as entidades empregadoras – 725 registadas até agora – lhes acederem. A FEP tem uma Secção de Integração Académica e Profissional (SIAP) que mantém um contacto permanente com 400 entidades empregadoras e promove o intercâmbio de informações e experiências entre estas e os alunos. O SIAP está ainda presente no Porto de Emprego, o maior evento desta área no norte do País.

A bolsa de emprego foi também a opção seguida pelo ISEG, que regista nesta base de dados 400 finalistas para cerca de 750 solicitações anuais, por parte do meio empresarial. A FEUC também organiza o Dia da Empresa, em que alunos e empresas se contactam. A aposta na formação em técnicas de procura de emprego também começa a ser uma preocupação nestas universidades. É o caso não só da FEUC, mas também FE-UNL, que integrou nos seus currículos um módulo de procura de emprego, um workshop de frequência obrigatória com a finalidade de preparar os alunos para a procura do primeiro emprego. As instituições mostram-se satisfeitas com os resultados destes esforços, mas lembram que o contacto isolado entre o candidato e os seus potenciais empregadores continua a ser um momento decisivo no processo de recrutamento.